

OS PATRONOS

Justiniano de Serpa (*)

HUGO CATUNDA

Senhores Acadêmicos:

Se as razões mais prudentes fôsem sempre as mais fortes e vencedoras, certo não estaria eu ocupando esta tribuna para falar da individualidade fulgurante de Justiniano de Serpa, porque, em vez da minha palavra desautorizada, a Academia devia estar ouvindo o depoimento de algum daqueles que ainda acompanharam mais de perto a caminhada luminosa dessa grande vida que tanto serviu e enobreceu, pela inteligência e pelo coração, à terra lendária do seu nascimento.

Mas, se as limitações do tempo abriram distâncias entre a minha geração e a de Justiniano de Serpa, não apagaram o clarão que ainda repassa entre nós, projetando-se das sugestivas lições da sua vida e da grandeza de sua obra, que ambas deixaram insculpidas, como aforismos eternos, plenos de estímulos e inspirações, as armas helênicas da nobre luta que êle viveu pela realização do ideal de perfeição e de beleza.

A ATUALIDADE DE JUSTINIANO DE SERPA

É que Justiniano de Serpa sobreviveu às gerações que o conheceram, levando para diante, como um profeta que se

(Discurso pronunciado na Sessão Solene da Academia Cearense de Letras, comemorativa do primeiro centenário de nascimento de Justiniano de Serpa, em 10 de janeiro de 1952).

realiza no futuro, a legenda do seu nome e as cintilações do seu espírito, que ainda realçam integradas no patrimônio comum da nossa cultura, através do brilho da inteligência, da majestosa grandeza da eloquência, da inspiração poética, do senso romano do direito e dos marcos que fincou, num efêmero e frutuoso período de governo sábiamente dedicado à nobre causa da educação do povo.

Ele pertenceu, com efeito, ao número dessas figuras inconfundíveis que a distância dos tempos não consegue afastar da nossa memória, mas, antes, como os bronzes patinados pelos séculos, avultam cada vez mais, crescem e rebrilham nos cultos da inteligência, dando a impressão de que continuam a agitar-se no poema de inspiração e de beleza que esmalta e imortaliza a sua vida e as suas criações.

No momento desordenado que vivemos, e no qual também se procura envolver as artes e as letras no caos de mil extravagâncias e aberrações, êsses vultos tutelares ainda resistem à ofensiva dos negativismos petulantes da época, e representam, com efeito, a idade de ouro, o outro tempo dentro do qual se formou a nossa inteligência e se consolidou a nossa cultura.

E, por isso, continuam a viver.

Assim, esta homenagem da Academia ao grande filho do Ceará não constitui uma exumação comovedora da sua memória, uma simples evocação passageira do seu nome, para o incensário convencional dos cultos vulgares. Simboliza, ao invés disso, um encontro com o mestre e os seus ensinamentos solares, que continuam presentes e lembrados, porque ainda resplandece nos nossos caminhos a torrente luminosa do seu espírito e aos nossos ouvidos ainda ressoam, claras, as harmonias que fecundaram a sua vida.

DO BERÇO HUMILDE ÀS PORTAS DO MUNDO

E o que mais comove e eleva, nesta perenidade da obra e da vida de Justiniano de Serpa, acentuando-lhe o relêvo dos méritos, é o sacrifício, o suor de muitas lutas e de muitas agônias que êle teve de suportar para realizar-se fora e acima do seu nascimento obscuro, e transmitir à posteridade o sinal sensível da sua presença.

Vindo de origens modestas, que se perdiam num casebre humilde dos campos do Aquiraz, não lhe embalaram o sonho

pobre as melodias verbais dos contos de fadas e dos príncipes encantados. A sua infância desconsolada foi o drama do menino desprotegido que não teve berço de rendas nem sapatinhos de sêda, para os mimos de Papai Noel. Estranhamente humana e real, a sua musa infantil vestia uma túnica diferente, e contava-lhe, apontando à vista, a trágica história da terra trabalhada de reveses, das lutas e dos sacrifícios da sua gente humilde, para sobreviver, ignorada e sucumbida, à margem da vida e dos seus deslumbramentos.

Mas o casabre humilde não era um destino.

Lá fora, como um convite à glória, banhada de luz, resplandecia a natureza viçosa e livre, abrindo, amplas, as portas do mundo. Um dia — tinha apenas dez anos de idade — Serpa sentiu a consciência de alguma cousa que prometia o milagre. E não resistiu ao desejo de transpor os limites visíveis da paisagem nativa, para devassar o outro lado misterioso da vida. Partindo para as incertezas do destino, não revivia a parábola do filho pródigo, porque do seu, nada tinha para dissipar. Debaixo do chapêuzinho de palha, aquêlê menino de dez anos — afirma-o a tradição — trazia apenas a carta de ABC em que aprendia o alfabeto. Mas isto era tudo, porque guardava a chave do tesouro que êle sonhava encontrar, na febre da sua nobre ambição.

E na ânsia de andar sempre para a frente, de prolongar a jornada, demandando os rumos altos da miragem fascinadora, se alguém, pelo caminho, acaso lhe perguntasse qual a vida mais desejável, êle responderia, sem dúvida, como o jovem Alair, da lenda oriental: "com um cortejo pomposo e ininterrupto, desde o berço até o túmulo".

O ENCONTRO COM O DESTINO

Mas, inicia-se, prosaicamente, como caixeirinho de uma loja de Aquiraz. Alguns anos depois, pelos longes de 1880, transporta-se para Fortaleza e, dentro de pouco tempo, começa a aparecer. Já então se filiara ao partido conservador da província, sob a égide do Barão de Ibiapaba, que, impressionado com a inteligência do jovem correligionário, o incluiu no corpo redatorial do jornal conservador "A Constituição", do qual foi, depois, redator principal. Começava ali o roteiro que, ao abandonar a casa paterna, lhe entremostraram as vozes proféticas do coração.

O amor ao estudo, o desejo de pousar sôbre todos os temas, a curiosidade insatisfeita, que foram a constante invariável da sua mocidade sonhadora, já haviam aberto esplêndidas revelações ao seu espírito, guardando a colheita fecunda e lúcida para os prélios da inteligência.

O caráter romântico e idealístico da sua cultura literária, formada no convívio inspirador com o pensamento de Lamartine, de Chateaubriand, de Victor Hugo, de Michelet, e, no campo científico, a predileção pelas teorias evolucionistas, que desde Savigny haviam transformado, de alto a baixo, a conceituação filosófica do direito, abrindo, igualmente, amplas perspectivas aos estudos de crítica e às investigações da história, cristalizavam-se, enfim, definindo a personalidade mental de Justiniano de Serpa e o sentido das suas atitudes no mundo do pensamento, marcado pelo cunho dos novos tempos. Assim, não era mais uma inteligência indecisa e imatura a que agora partia da sistemática geral da cultura, para correr o véu das revelações e transmitir a mensagem afirmativa das tendências intelectuais, sancionadas pelas preferências seletivas do seu espírito.

Talento primoroso, bem cedo Justiniano de Serpa avultava nas lides do jornalismo, através do brilho da linguagem, do espírito de penetração analítica, da dialética persuasiva e elegante, tudo isso vasado, segundo o conceito crítico de um seu contemporâneo, "num estilo imaginoso, sem o abuso dos tropos, mas cintilante e vivo, sem pompas retóricas nem as rasteirices da vulgaridade".

Nas lutas do periodismo, ninguém terá levado mais em conta a integridade da ética profissional. Num ambiente saturado de partidarismo ruidoso e exaltado, que, na imprensa, se extravasa na intemperança da linguagem, na acidez da discussão onde as ofensas se cruzavam violentas, ferindo melindres e atassalhando reputações, Justiniano de Serpa, embora muitas vêzes atingido pelos dardos inimigos, jamais rompeu a contenção da disciplina individual, inspirada nos moldes da cortesia e do decôro. A violência do golpe que vibrava o adversário, sempre abria oportunidade a que se destacasse, num contraste admirável, o raciocínio imperturbável e a energia serena do revide.

Certa vez, acudindo a um ataque veemente de Martinho Rodrigues, outra vigorosa expressão de jornalista e tribuno, Justiniano de Serpa respondia com a nobreza dêsses períodos lapidares: "Há indivíduos que escrevem embebendo a pena

em fel, à semelhança dos selvagens que embebem as flechas em veneno. Eu, pelo contrário, lamento que a minha pena não tenha a virtude da lança de Aquiles de curar as feridas que provoca. Eis por que, mesmo em represália, não excludo nunca os justos limites da defesa ou da reparação à dignidade."

Na harmonia que foi tôda a sua vida de esteta e de homem de pensamento, êle não compreendia a imprensa dentro do primarismo grosseiro das intenções que procuram transformá-la em instrumento de vilipêndio e de vinditas. A sua missão precípua, senão única, devia ser a orientação segura e honesta da opinião, pela pureza das idéias e pelo conceito elevado das doutrinas. Porque, como jornalista ou intelectual, Serpa foi, não sòmente um criador, mas, antes de tudo, um doutrinador ansioso de interpretações elevadas, preocupado sempre no afã de encontrar, no fundo das idéias, as claras revelações da verdade.

Dêste seu comportamento mental, expressivo é o documento que nos deixou no discurso de instalação desta Academia: "A luta das idéias, neste fim do século — dizia êle — aparece aos nossos olhos como um profundo e imenso oceano. Ondas que descem e ondas que sobem, tôdas elas refletem as sombras da noite e os raios do sol, mas não revelam, absolutamente, o que de misterioso existe no fundo dos abismos."

À pena brilhante do jornalista, unia-se, por outro lado, iluminando-se dos mesmos objetivos, padecendo das mesmas qualidades de natureza, a palavra eloqüente e profusa do orador. Da mesma forma por que se observa no grande Vieira, em o qual o escritor sempre revela o orador, em Justiniano de Serpa, o colorido, a escultura dos períodos, a agilidade do raciocínio, a imaginação fértil do editorialista, mediam-se pela riqueza verbal do tribuno, pelo vigor das apóstrofes, pelo encanto da palavra, sempre a mesma — profusa, fluente e arrebatadora, na tribuna do forum, do parlamento ou no desfôgo das ruas, exaltando as multidões.

Ressaltando as qualidades oratórias do grande tribuno, Tomaz Pompeu, seu companheiro de lutas e de ideal, dizia: "A memória fôra-lhe sempre fiel, pronta e submissa. Conser-vava com tal nitidez o que adquirira nos livros ou na experiência, que raro recorria à grafia para sintetizar um parecer jurídico ou parlamentar, ou coordenar um discurso de longo fôlego. Bastava-lhe um pouco de repouso mental, de concentração do pensamento, para esboçar, senão dar forma definitiva

à elaboração de uma exposição oral, rica de conceitos e de imaginação portentosa”.

Era assim o ritmo dêsse grande espírito, sempre igual, fremente e humano, que na doutrinação do jornal como na eloquência da oratória, ia rápido e flexível da intuição psicológica à sutileza da dialética, à emoção e ao patético, que foram as suas armas solares nos combates verbais da Abolição.

Eu, que tive a fortuna de ouvi-lo, já na sua ancianidade venerável, — que não esmorecera, entretanto, o vigor da inteligência e o calor vivo da palavra — nunca mais esqueci a música opulenta da sua verbosidade, nem da visão jamais se me apagou a figura estranha do orador — face morena e imberbe, a cabeça levantada como ainda num ímpeto de audácia e de sonho, o nariz de grego, o meio sorriso sempre afloando à comissura dos lábios, a cabeleira frondosa e alva, atirada para trás em ondulações de prata — lembrando um modelo antigo, talhado ao puro recorte clássico de uma velha efígie romana.

A POESIA, AS ROSAS DE PLATÃO E A POLÍTICA

Publicista, orador e jurisperito, intelectual cuja atividade produtiva ainda agora registam as páginas da “História da Literatura Cearense”, da autoria do ilustre acadêmico senhor Dolor Barreira, Justiniano de Serpa excursionou também, esvoaçando rápido, pelos mundos siderais da poesia.

Não fugiu à vocação inelutável, não escapou à neurose sentimental da mocidade sonhadora e alvoroçada de seu tempo. Então, a poesia ainda era uma forma literária de imaginosa e pulcra exteriorização estética do sentimento, que foi evoluindo com o espírito literário e humano dos tempos, sem perder a consciência artística, a beleza da forma, a inspiração temária, que agora a iconoclastia das pretensas novas formas insiste em destruir no alucinante de deformações abjetas.

Mas o consórcio de Serpa com as musas durou apenas o momento que se desfaz na brevidade de um sonho.

Do verso, sob a inspiração lírica de Castro Alves e Tobias Barreto, fêz uma centelha para avolumar as chamas do incêndio que havia de devorar a tarja negra da escravatura. A sua inspiração poética mais sentida, foi, com efeito, a que carregou a rebeldia dos tropos hugoanos, repontantes nos poemas cíclicos que traduzem os grandes dramas sociais. Serpa os

assimilou na poesia daquela epopéia do século, que foi a Abolição, e na qual, segundo a observação de Nabuco, o Brasil ofereceu ao mundo a primeira emoção.

Mas, apesar daquele passeio breve pelo recesso amável do Hêlicon, ao lado das estrofes condoreiras do estro libertador, ficaram outros versos amorosos, vibrantes e festivos como um epitalâmio, ora magoados de desalentos, clamor de alma abandonada, chorando na solidão as cinzas de um primeiro amor...

O devaneio poético, entretanto, não durou muito. Era preciso ir além da mística harmoniosa, despertando do sonho orquestral nos ritmos, para a realidade do mundo exterior. Não podia ficar a meio do caminho, num entretenimento estúrdio com as musas, quem viera de longe, desajudado e só, na peleja áspera para dominar a vida e atingir as suas alturas maiores, até porque Platão negava aos poetas um lugar na República, e apenas cingia-lhes a fronte com uma coroa de rosas, simbólica e precária.

E às rosas do filósofo, que haviam de murchar como as de Malherbe, preferiu Justiniano de Serpa prolongar a jornada difícil, ingressando na política, tomando as armas de cavaleiro para a luta das idéias que efervesciam no pensamento do século.

Deputado provincial no último quartel da monarquia, ao inaugurar-se o regime republicano adere às novas idéias políticas, e é eleito representante do Ceará, na Assembléia Nacional Constituinte, onde se afirma mestre do direito constitucional — que no conceito de *Guyot* é o mais intelectual dos direitos — debatendo as teorias modernas do constitucionalismo, para ajustá-las, com propriedade, ao sistema brasileiro.

Mas não consegue reeleger-se na legislatura seguinte. E sob a pressão dos acontecimentos que, na infância da República, agitaram o panorama político do Ceará, Justiniano de Serpa, emigrando para a Amazônia, exerce em Manaus, cargos públicos de relêvo, aos quais renuncia para entregar-se à advocacia em Belém do Pará. Catedrático e vice-diretor da Escola Jurídica daquela cidade, dentro em pouco é eleito deputado federal pelo grande estado do Norte.

Brilhante e frutuosa, a sua atuação na Câmara Federal assinala vitórias memoráveis, como as que conquistou, galhardamente, na discussão do projeto de reforma do direito cambial brasileiro, de sua autoria, e nos debates travados no plenário e no seio das comissões técnicas do parlamento, onde a cultura sócio-jurídica do grande cearense de tal forma se im-

pôs à admiração dos seus pares que, dentro em pouco, era eleito presidente da Comissão Especial do Código Civil.

DO PARLAMENTO PARA O GOVERNO DA GLEBA

Clóvis Beviláqua, num conceito que criou fama, já o havia proclamado "líder da consciência legislativa do país", quando o Ceará, envaidecido, voltando as suas esperanças para o filho ausente, oferece-lhe a chefia do seu governo, que êle aceita sem falsas escusas, mas, ao contrário, confessando lealmente: "Eu amo tanto a minha terra que, mesmo quando tivesse muitos defeitos, só o meu grande amor ao Ceará me faria digno do seu governo."

Assumindo a administração do Estado, rompeu logo com a rotina das soluções tímidas, com os processos hesitantes das administrações passadas, nas quais se fixara a mentalidade rudimentar segundo a qual só poderíamos viver em função da pobreza do meio e da eterna ameaça da maldição climática. Saneou as finanças públicas, promoveu a reforma da Constituição do Estado, atualizando-a, deu nova organização ao aparelhamento judiciário, prestigiando a justiça, e, coroando essas iniciativas avançadas, com as quais sacudia a inércia do passado, fez a grande reforma do ensino, a maior e a única de mais duradoura ressonância, cujos efeitos transformaram por completo o panorama da escola cearense, e ainda hoje perduram evidentes, através de uma nova consciência que se criou aos problemas da educação, e de um novo ritmo que nunca mais perdeu a sua continuidade frutuosa, apesar dos colapsos que às vezes esmorecem, mas não lhe paralisam a marcha.

O RENASCIMENTO DA ACADEMIA

Foi ainda no período luminoso do governo de Justiniano de Serpa, que a Academia Cearense de Letras, por iniciativa do grande presidente, seu sócio fundador, renasceu, despertando do sono letárgico de muitos anos, para continuar, pelo tempo afora, a sua missão cultural, de tão insignes tradições.

Retomando, pela mão carinhosa do seu patrono, o fio de uma existência que vai para mais de meio século, num país que tem pouco mais de cem anos de direito de pensar, a Academia Cearense, realçando no imperecível das letras e das artes, nos transmite a exaltante convicção de que levará por

diante, ao longe dos anos e dos tempos, o culto vivo da beleza e a perenidade cintilante do espírito criador.

E é por isso que, num preito de gratidão, ela abre hoje as suas portas ilustres para sagrar a memória augusta de quem por tantos anos a iluminou com as fulgurações do seu espírito e a acolheu nos afetos generosos do seu amparo.

A PROFECIA DE CAIO PRADO

Numa noite fria de maio, do ano de 1889, entre silêncios e angústias, desaparecia, nos últimos momentos de sua vida exuberante, a mocidade apolínea do presidente Antônio Caio da Silva Prado.

Sentindo soar a hora extrema, o nobre paulista pede que se aproximem do seu leito de agonia os companheiros arca-dianos de alegres tertúlias literárias.

Pela última vez, naquela hora terrível do fim, um por um, desfilam à sua presença, Antônio Bezerra, João Lopes, Antônio Martins, Justiniano de Serpa, Oliveira Paiva, Marti-nho Rodrigues, Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Valdemiro Cavalcante, — a fúlgida mocidade que o presidente acolhia no seu palácio, para o generoso convívio do pensamento. E a cada um dêles, estóico ainda em face da morte, dirige, na despedida final, palavras comovedoras de estímulos e de esperança.

Chegando a vez de Justiniano de Serpa, Caio Prado prende, na sua mão forte de bandeirante, a mão trêmula do companheiro jovem, e ainda fixando nêlo o olhar já embaciado pela sombra da morte, com a presciência de um mago, transmite a predestinação insigne:

— Estude, estude, que o seu futuro é muito grande.

A frase ficou no ar, sem ressonância, talvez. Terá sido mesmo sufocada pelos soluços, desaparecendo no abandono da desolação envolvente. Ninguém, decerto, se apercebeu de que ela guardava o mistério das cousas que transcendem à compreensão humana, porque a voz que a proferira era a de um espírito que já estava mais perto de Deus do que dos homens.

Mas a profecia se cumpriu.

Tudo se passou segundo a predição oracular. E Justiniano de Serpa, numa ascensão triunfal, encheu o seu tempo, honrou o seu lugar no mundo, e elevou tão alto o seu nome, que ainda de longe o contemplam as gerações de hoje.

E como se o eco daquelas palavras proféticas ainda ressoasse pelo espaço, dirigindo até o fim o roteiro de uma vida, Justiniano de Serpa encerrava o ciclo fecundo da sua existência, ocupando o govêrno da gleba natal — o mesmo lugar de onde Caio Prado, fechando também a parábola breve da sua carreira, lhe traçara o futuro luminoso.

Estranho destino êsse, de humildade e de esplendor, aureolando um dominador da vida que, ao abandoná-la, desapareceu como os eleitos — que penetram o mistério da noite eterna, sorrindo para Deus, numa flama de alvorada.